

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**CURRÍCULO MULTICULTURAL NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA CAPOEIRA**

JULIANA NEIVA RIBEIRO

BRASÍLIA
2012

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURRÍCULO MULTICULTURAL NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA CAPOEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada pela acadêmica **Juliana Neiva**
Ribeiro como exigência do curso de
graduação em **Pedagogia** da **Universidade**
de Brasília sob a orientação da professora
Dra. **Sônia Marise Salles Carvalho**

BRASÍLIA
2012

CURRÍCULO MULTICULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA CAPOEIRA

JULIANA NEIVA RIBEIRO

COMISSÃO EXAMINADORA

Sra. Prof. Doutora Iracilda Pimentel Carvalho
Universidade de Brasília

Sra. Prof. Doutora Patrícia Lima Martins Pederiva
Universidade de Brasília

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão de curso primeiramente à Marizete Maria Neiva Ribeiro, minha mãe, ao meu Pai, que agora me guia e protege ao lado de Deus, ao meu irmão Victor, ao Paulo Henrique, meu companheiro de todas as horas e ao nosso filho ou filha que está por vir. Eles são minha base e minha motivação para conquistar meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, à minha família, aos meus amigos e amigas que me apoiaram durante a minha trajetória acadêmica e a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para minha trajetória de vida na Capoeira, para o amadurecimento deste tema e realização deste trabalho. Em especial ao Mestre Marquinhos (Marcos Vinícius dos Santos Gomes), infelizmente já falecido, ao Mestre Adilson (Adílson Alves da Silva), ao Mestre Squisito (Reginaldo da Silveira Costa), ao Mestre Mafú (José Alberto Barbosa da Silva), ao Mestre Bom Sorriso (Ricardo Fernandes), ao Mestre Alex Carcará (Alex Rocha), ao Mestre Chumbinho (Márcio Molisani), ao Mestrando Benson (Jorge Benson), a todos os meus queridos companheiros de treino que convivi diariamente sob comando do Mestrando Gaguinho (Alysson Verner), em especial a Graduada Jacque (Jacqueline Moiano) e Instrutor Chicória (Régis Silva), aos meus companheiros atuais de treino, em especial ao Graduado Pixote (Diego Secundo); ao Instrutor Maguinho (Geraldo Freire), a Alexandra Salles e ao IVPC – Instituto Volta Por Cima. Axé Camarás!

RESUMO

A Educação infantil é a primeira etapa da Educação Básica Brasileira e deve, dentre outros objetivos, contribuir para formação de cidadãos críticos, que reconheçam o valor das culturas que fazem parte da sociedade deste país, afirmando sua identidade e autoestima. Este trabalho relata, através de variadas experiências, como a Capoeira pode ser um elemento da cultura Brasileira que transmita tais valores às crianças através de sua musicalidade, costumes e rituais aprendidos e reaprendidos durante os anos, que trazem em si sentimentos de resistência e valorização do povo Negro, tão desvalorizado e sacrificado ao longo da história Brasileira.

Palavras chaves: Educação Infantil; Currículo; Capoeira; Capoeira Infantil.

CARRO
FEIRA



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
PARTE I: MEMORIAL	15
Trajetória Escolar.....	15
Trajetória Acadêmica.....	17
Trajetória na Capoeira.....	18
A Escolha do Tema.....	19
PARTE II: RELATO DE EXPERIÊNCIA	21
INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO I – A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL	22
1.1 A Criança Como Sujeito da Aprendizagem.....	22
1.2 Bases Legais da Educação Infantil.....	25
1.3 O Currículo da Educação Infantil.....	27
CAPÍTULO II – O CURRÍCULO	30
2.1 Teorias Tradicionais e Teorias Críticas.....	30
2.2 O Currículo Multicultural.....	32
CAPÍTULO III – A CAPOEIRA COMO UMA PROPOSTA MULTICULTURAL DO CURRÍCULO	35
3.1 Capoeira: Uma das Expressões da Cultura Popular Brasileira.....	35
3.1.1 Mestre Bimba e a Luta Regional Baiana.....	38
3.2 A Capoeira na Educação Infantil	39
3.3 Relato de Experiência no Espaço Escolar.....	40
3.3.1 Experiência 1: Uma Proposta de Currículo Tradicional.....	40
3.3.1.1 Refletindo Sobre a Prática da Capoeira Nesse Espaço Educativo.....	41
3.3.2 Experiência 2: Uma Proposta de Currículo Multicultural.....	43
3.3.2.1 Refletindo Sobre a Prática da Capoeira Nesse Espaço Educativo.....	44
3.4 Depoimento de Mestres e Educadores de Capoeira na Educação Infantil.....	48
3.4.1 Entrevista 1: Mestre de Capoeira.....	48

3.4.2 Entrevista 2: Instrutor de Capoeira.....	50
3.4.3 Entrevista 3: Instrutor de Capoeira (2).....	51
3.5 Refletindo Sobre as Entrevistas.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
PERSPECTIVAS FUTURAS.....	56
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	57
ANEXOS.....	59
FOTOS.....	60
DESENHOS.....	62

APRESENTAÇÃO

O tema deste trabalho final de curso, "Currículo Multicultural Na Educação Infantil: A Prática Pedagógica da Capoeira" foi desenvolvido a partir das experiências da autora em um ambiente educacional formal e em outro não formal da educação infantil, ambos de currículo tradicional, onde percebeu que sua prática da Capoeira poderia influenciar na elaboração de práticas pedagógicas que explorariam aspectos multiculturais contribuindo para o desenvolvimento da identidade cultural das crianças e para o incentivo de implementação de um currículo multicultural.

A Capoeira, arte, luta, jogo e dança brasileira, é abordada neste trabalho como uma prática pedagógica importante, que, através de suas atividades envolvendo sua musicalidade, movimentação e ritualidade passadas de geração em geração pelos mestres da cultura popular, pode contribuir para a formação cidadã e multicultural das crianças da Educação Infantil no Brasil.

Em 1996 a LDB passou a considerar a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica, entendendo a criança como um sujeito histórico, produtor de sentido e inserido num contexto histórico e cultural. Segundo os documentos referenciais desta etapa, a Educação Infantil deve, entre outros objetivos, valorizar desde cedo a autoestima das crianças, a cultura negra e a diversidade étnica e racial dentro da escola. E para tratar de uma temática tão complexa como o respeito à diversidade com alunos tão pequenos, é recomendável a utilização de atividades lúdicas que os envolvam de maneira prazerosa e descontraída e que respeite seus limites para uma compreensão positiva do tema.

Na maioria das escolas de Educação Infantil, públicas ou particulares, o currículo multicultural se restringe a breves exposições em datas comemorativas como o Dia do Folclore, o Dia do Índio, o Dia da Consciência Negra e as Festas Juninas. Este Relato de Experiência propõe uma reflexão de como um currículo multicultural pode ser melhor desenvolvido, para que estas temáticas tão importantes permeiem toda a prática pedagógica do ano escolar, contribuindo assim para uma educação libertadora, que respeite e agregue as mais diversas culturas presentes em nossa sociedade.

O trabalho final de curso está dividido em três partes: a primeira parte consta da memória e da história da autora com o tema. A segunda parte constitui um relato de experiência na educação infantil como pedagoga na prática da Capoeira, e está dividido em três capítulos: O primeiro capítulo faz uma abordagem da Educação Infantil no Brasil; O segundo reflete sobre a natureza do currículo presente no espaço escolar e o terceiro capítulo apresenta a Capoeira

como uma proposta multicultural do currículo. O capítulo quatro constitui o relato de experiência com a Capoeira no espaço educativo.

O trabalho tem como objetivo geral reconhecer a importância da Capoeira e outras manifestações populares brasileiras no processo de ensino-aprendizagem, e como objetivos específicos refletir através das experiências relatadas sobre a prática pedagógica da Capoeira na Educação Infantil, e perceber como a prática pedagógica da Capoeira pode contribuir para a Educação Infantil em uma proposta de currículo multicultural.

Parte I

MEMORIAL

*“[...] A Capoeira foi quem me criou
Me deu um norte, fez o meu caminho
Me deu a sorte de não andar sozinho
Levo comigo berimbau maneiro,
patuá benzido, porte mandingueiro
Num barco à vela em direção ao norte
Ventando a vida me leva ligeiro”
(Mestre Acordeon)*

Trajetória Escolar

Eu tenho ótimas lembranças da minha infância e de todo o meu período escolar, isto, hoje sei, por causa da família maravilhosa que tenho e em especial pela minha mãe, que sempre contornou todos os problemas com muita sabedoria, amor e extrema dedicação a mim e ao meu irmão, Victor.

Minha trajetória escolar começa no ano de 1991, na Escola Ursinho Feliz localizada na 212/112 Sul, com dois anos de idade. Fui uma aluna sem problemas de adaptação e acho que o motivo disto foi o fato de a minha mãe ser, na época, professora da Educação Infantil e ter facilitado meu contato com o ambiente escolar praticamente desde que nasci.

Depois da Ursinho Feliz, estudei na escola Ciranda, localizada no Lago Sul, em frente ao IV COMAR da Aeronáutica, pelo fato de o meu Pai ser militar e ter direito a matricular os filhos naquela escola. Apesar de ser uma escola que atendesse a um público específico, a Ciranda era uma escola muito boa, todas as pessoas que lá trabalhavam se dedicavam bastante e eram muito atenciosas. Eu ficava lá alguns dias em período integral e tenho boas recordações dos momentos de brincadeira no parque, que era bem amplo, das apresentações e das horas do banho e do lanche que eram sempre bem animadas. Foi na Ciranda que eu e meu irmão estudamos pela primeira vez na mesma escola, porque sou mais velha, e também me

lembro de gostar de saber que ele também estava por lá. Infelizmente esta escola hoje se encontra desativada.

Encerrei o nível da Educação Infantil no Jardim de Infância da 314 sul, onde a minha mãe deu aula por dezesseis anos. Eu fui estudar lá porque minha mãe fazia questão de me alfabetizar e isto foi muito bom para minha formação apesar de ela falar que acabou cobrando um pouco mais de mim do que dos outros alunos da classe. As lembranças mais marcantes que tenho de lá, além da experiência de ter minha mãe como minha professora, são as da casinha de bonecas montada com roupas, sapatos e utensílios de verdade doados pelos pais e mães de alunos, os banhos de mangueira em dia de calor, os brinquedos do parque de areia, as festas de final de ano – onde minha mãe sempre se vestia de Papai Noel - e as histórias contadas em uma sala temática. O Jardim de Infância era uma escola pública de bastante qualidade na época me proporcionou uma alfabetização baseada em princípios construtivistas e bastante prazerosa.

Fiz o ensino Fundamental e Médio praticamente todo no mesmo lugar, o Colégio Pio XII, na 612 Sul, com exceção da 5ª e 6ª séries que, por problemas financeiros gerados com a separação de meus pais, fiz no GAN, 604 Norte, uma escola pública que contribuiu muito na minha formação, porque tive contato com pessoas com realidades muito diferentes da minha, que moravam em lugares diferentes dos que eu conhecia e eu aprendi a conviver muito bem com estas diferenças, tenho muitas amigas que começaram lá e perduram até hoje. Nesta época pude observar também as dificuldades que passam as escolas públicas, como: falta e rodízio de professores, greves, problemas de infra estrutura e outros. Pude observar também a diferença de alguns conteúdos trabalhados em relação às escolas particulares, fui inclusive acusada pelos meus colegas de sala de colar em uma prova de inglês que eu havia tirado uma boa nota enquanto eles não haviam conseguido sequer responder a prova toda.

Como disse anteriormente, com exceção dos dois anos que estudei no GAN, completei a educação básica no Colégio Pio XII, uma escola católica e pequena, onde todos me conheciam e conheciam minha família, onde fiz muitos e grandes amigos, onde brinquei tantas vezes e chorei algumas, onde eu fiz Ballet, toquei na banda, chupei picolé da Irmã Margarida e “din-din” da senhora que vendia na porta, pulei elástico, pulei corda, me escondi atrás da Capela, escalei as arquibancadas do ginásio, vendi pulseirinhas que eu fazia para minhas amigas, fui representante de turma, namorei pela primeira vez e estudei para o vestibular. Uma escola que deixou marcas em tudo que sou hoje e que dá saudade pelo fato de, infelizmente, hoje não existir mais.

Trajetória Acadêmica

Ingressei na Universidade de Brasília – UNB pelo Programa de Avaliação Seriada, o PAS, em 2007. Confesso que a escolha do curso foi em parte aleatória, na época eu queria cursar Psicologia, mas sabia que precisaria tirar uma nota muito alta na terceira etapa do PAS para conseguir entrar neste curso, então o orientador educacional do Pio XII me apresentou algumas opções de curso que eu poderia passar dentro minha área apontada pelo teste vocacional e tirando mais ou menos a média das minhas etapas anteriores, e dentre estas opções eu escolhi a Pedagogia. Hoje em dia eu não me arrependo da escolha, apesar de ter atravessado momentos de decepção com o curso nos cinco anos que levei para concluí-lo.

Minha trajetória na Faculdade de Educação foi um pouco conturbada, fiz as matérias obrigatórias dentro do fluxo, mas, como sempre trabalhei, não tinha tempo disponível para pegar muitas matérias além destas e, em 2009, passei por um momento pessoal muito difícil que foi a perda do meu pai que teve Câncer. No semestre seguinte optei pelo trancamento geral da matrícula para me recuperar melhor deste momento conturbado esses fatores fizeram com que eu não conseguisse concluir o curso no tempo esperado que são oito semestres.

A minha fase de decepção com a Pedagogia começou logo no primeiro semestre, quando eu fiz o meu primeiro estágio em ambiente escolar. Trabalhei em uma escola particular localizada na Asa Norte por um ano com turmas de maternal e pude ver que o mercado de trabalho para esta área é bastante complicado. Convivi com uma direção que não dava liberdade para que as professoras pudessem trabalhar como quisessem em sala, pois que não tratavam bem as professoras e auxiliares, e que até implicavam com estas até que a direção às demitisse sem muitas explicações, e muitas outras situações que iam de encontro com o que eu pensava e havia aprendido na Faculdade de Educação, isto tudo foi, aos poucos, me desanimando. Tive também momentos ruins causados pelas greves de professores e funcionários e pelas dificuldades que enfrentei algumas vezes com relação a alguns serviços prestados pela universidade, como, por exemplo, dificuldade e burocracia para se iniciar um estágio ou renovar um contrato de estágio já vigente.

Claro que a experiência de trabalho em sala de aula, que depois foi ampliada com mais um ano de trabalho com turmas de maternal em outra escola particular localizada na Asa Sul, não foi em tudo negativa. Tive a sorte de ser auxiliar de professoras muito experientes e aprendi bastante sobre como o desenvolvimento infantil se dá em um ambiente escolar e como elas lidavam com as mais diversas e complicadas situações do dia-a-dia. Essas observações foram

úteis em toda minha trajetória acadêmica, pois pude fazer a relação do que eu aprendia com a prática vivenciada, o que às vezes me fazia concordar com o que aprendia e às vezes não. Após estas duas experiências optei por fazer estágios na área da Pedagogia Empresarial, trabalhei por dois anos na Caixa Econômica Federal e por oito meses na Universidade Corporativa do Banco do Brasil, a UniBB. Estas duas experiências foram fundamentais na minha formação porque com elas eu descobri a área que desejo seguir após a conclusão do curso e aprendi bastante sobre esta área que é pouco abordada nas disciplinas da Faculdade de Educação. Com isso, comecei a me animar novamente com o mercado de trabalho que me aguarda após a conclusão do curso.

Mesmo com estas adversidades e a decepção com o curso, considero a minha passagem pela Pedagogia muito proveitosa, consegui trilhar meu caminho por disciplinas que realmente contribuíram para minha formação profissional e algumas delas: Antropologia e Educação, Sociologia e Educação, Ensino de História Identidade e Cidadania, História da Educação Brasileira, Educação Infantil, Educação em Geografia e os projetos 3 fase 3 e 4 fases 1 e 2 contribuíram para trilhar o meu caminho de pesquisa para a escolha do tema deste trabalho no sentido de despertar em mim a reflexão sobre a importância de uma educação libertadora, que respeitasse e agregasse as mais diversas culturas presentes em nossa sociedade tornando assim o ensino mais prazeroso para os educandos.

Destaco também a influência das professoras doutoras Neuza Maria Deoconto e Sônia Marise de Carvalho para a escolha e amadurecimento deste tema, através de suas valiosas intervenções em minha reflexão sobre o tema em meus projetos 3 fase 3 e 4 fase 1 e 2.

Trajetória na Capoeira

Minha trajetória na Capoeira acompanha boa parte da minha trajetória escolar, comecei a treinar no ano de 2002, no grupo Brasília Capoeira, com o meu inesquecível Mestre Marquinhos, Marcos Vinícius dos Santos Gomes, na época eu tinha treze anos e cursava a sétima série. Foi no grupo do Mestre Marquinhos que eu aprendi as primeiras lições da Capoeira e comecei a ver com outros olhos esta arte brasileira, aprendendo a valorizá-la e lutar pelo seu crescimento enquanto patrimônio cultural brasileiro. Meu Mestre Marquinhos faleceu em 2006 por consequência de um acidente de carro e eu me comprometi a levar a diante uma das lições que aprendi com ele: “Aconteça o que acontecer, não pare de treinar Capoeira”.

Em 2007 ingressei na Equipe Capoeira Brasileira, grupo sob a supervisão do Mestre Chumbinho, Márcio Molisani, o qual eu faço parte até hoje. Treinei até o final de 2011 com o Mestrando Gaguinho, Alysson Verner, e a partir de 2012 passei a treinar diretamente com o Mestre Chumbinho. Fui considerada aluna graduada – “posto” da hierarquia do grupo abaixo de Instrutor, Professor, Mestrando e Mestre, que considera a pessoa um aluno com alguns direitos e deveres a mais que os demais alunos por consequência da experiência, que já é um pouco maior que a de outros alunos, e habilidades - da Equipe Capoeira Brasileira em agosto de 2011. Isto ocorre em uma celebração de batizado e troca de cordas que acontece anualmente no grupo com a presença de várias pessoas relevantes no meio da Capoeira de Brasília e convidados vindos de outras cidades também.

A Capoeira se faz presente em vários aspectos da minha vida, ela me possibilitou muitas oportunidades através das relações sociais estabelecidas ao longo dos anos de prática. Abriu portas profissionais, me possibilitou conhecer as pessoas que são hoje meus amigos mais próximos e me possibilitou conhecer algumas cidades brasileiras como: Campinas- SP, Belo Horizonte -MG , Sete Lagoas – MG e Piracanjuba – GO. E recentemente (em novembro de 2011) me possibilitou conhecer o México, onde visitei três cidades e participei de dois eventos, sendo um uma Maratona Internacional de Capoeira.

A Escolha do Tema

O tema deste trabalho é fruto de minha trajetória de vida: a trajetória escolar, acadêmica e a trajetória dentro na Capoeira. O primeiro despertar foi fruto de algumas colocações preconceituosas que me acostumei a escutar quando eu falava que praticava a Capoeira: “Capoeira!?! Porque você escolheu fazer isso?!?!”, “Capoeira é macumba!!”, “O que você quer com Capoeira menina?!?!”. Eu ouvia estas indagações e me perguntava o motivo de essas pessoas pensarem desta maneira sobre algo tão rico e importante dentro de sua cultura, me perguntava como eu poderia fazer para mostrar a eles e elas a Capoeira da mesma forma que eu enxergava; como eu poderia fazê-las entender que a Capoeira é um patrimônio cultural pertencente a eles e a elas mesmas e desta forma deveria ser respeitada e admirada como tal.

Com a prática pedagógica em sala de aula, pude ter uma noção de como a diversidade cultural é tratada nas escolas e achei que as culturas dos povos que fizeram parte da construção da história e cultura brasileiras tinham que ter mais espaço nos currículos. A cultura afro-brasileira e a indígena, por exemplo, são, na maioria das vezes, tratadas somente

como folclore nas escolas brasileiras, com referências breves sobre suas contribuições para a sociedade que se tem hoje o que não contribui para uma formação completa do cidadão brasileiro.

A minha prática da Capoeira e a minha prática acadêmica em conjunto foram contribuindo para uma reflexão que foi aos poucos amadurecendo: a Capoeira poderia estar presente nas escolas e outros ambientes de aprendizagem de uma maneira diferenciada. Ela poderia ser a ponte entre crianças, jovens e até mesmo adultos e a história de seu povo e de seu país, aumentando sua autoestima, minimizando problemas sociais causados pelo desrespeito às diferenças e os afetando positivamente de muitas outras maneiras, pois, a partir do momento que uma pessoa começa a gostar de Capoeira, começa também a vivenciar de uma maneira muito próxima costumes, histórias e rituais afro-brasileiros, desmistificando-os e valorizando-os de maneira natural e assim aprendendo a respeitá-los.

O tema do trabalho foi escolhido com base nesta rica reflexão que julgo ser de muito valor para uma prática pedagógica multicultural que acompanhe as tendências de respeito à diversidade na educação bastante defendida nas leis, documentos referenciais e estudos que a embasam atualmente.

PARTE II: RELATO DE EXPERIÊNCIA

INTRODUÇÃO

Os relatos de experiência trazem a Capoeira como prática pedagógica em ambientes de aprendizagem da educação infantil escolar e não escolar. Dez atividades foram realizadas no ambiente não escolar, porém com um contexto de currículo tradicional e cinco atividades foram realizadas no ambiente escolar com contexto de currículo multicultural, todas com crianças de três a cinco anos de idade e de realidades sociais diversificadas.

Como aporte teórico, o trabalho aborda a educação infantil no Brasil no primeiro capítulo, falando da criança como sujeito da aprendizagem, das bases legais da educação infantil no Brasil e do currículo desta etapa. O segundo capítulo aborda o tema Currículo, trazendo o conceito de teorias tradicionais e teorias críticas segundo Tomaz Tadeu da Silva e o currículo multicultural segundo a visão deste e de alguns outros autores. O terceiro capítulo aborda a Capoeira em uma proposta multicultural do currículo trazendo um pouco de sua história, que caminha paralelamente a história do Brasil, e um pouco de seu contexto histórico em ambientes educativos. Este capítulo também relata as experiências em contextos de currículo tradicional e multicultural e também entrevistas com Mestres e Educadores de Capoeira na Educação Infantil em Brasília - DF.

A pesquisa bibliográfica foi realizada paralelamente à pesquisa de campo influenciando a prática pedagógica. Nas Considerações Finais, destacam-se as análises realizadas no percurso das atividades, apontando a importância do entrelaçamento entre os discursos e as práticas educativas no cotidiano dos ambientes educativos, para que as crianças assumam a condição de sujeitos de direitos nesse espaço institucional.

CAPÍTULO I – A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Este capítulo registra uma reflexão sobre a Educação Infantil no país, começando com uma apresentação da criança como sujeito da aprendizagem e suas especificidades, passando para uma apresentação das principais leis e principais documentos que embasam a Educação Infantil atualmente e por último falando sobre o currículo no contexto da Educação Infantil.

1.1 A Criança Como Sujeito da Aprendizagem

*As crianças, todas as crianças,
transportam o peso da sociedade que
os adultos lhes legam,
mas fazem-no com a leveza
da renovação e o sentido
de que tudo é de novo possível.*
Sarmiento, 2004

Segundo Sarmiento, (2007, apud ANDRADE, 2010) o interesse histórico pela infância é recente e o olhar da sociedade para as crianças como um sujeito de direitos que necessita de cuidados e carinho é mais recente ainda. O autor cita os estudos do historiador francês Philippe Ariès, 1986, como de grande importância para o estudo das imagens e concepções da infância ao longo da história. O estudo de Ariès pode ser considerado uma das mais importantes obras para a compreensão das imagens e concepção da infância ao longo da história, reconhecendo a infância como uma construção da modernidade.

Philippe Ariès realizou seus estudos da iconografia da era medieval à modernidade observando representações da infância na Europa ocidental, especialmente na França, estudos esses que sinalizam a infância como produto da vida moderna, resultante das modificações na estrutura social. A tese da ausência do sentimento de infância na Antiguidade é relatada pelo autor levando em consideração os altos índices de mortalidade infantil e a forma de viver similar a dos adultos observada no modo de se vestirem, nos brinquedos, na linguagem e em outras situações do cotidiano revelando uma criança que não possuía singularidade não se separando do mundo adulto. Segundo Philippe, somente no século XVI, os adultos, em especial as mulheres, começam a destinar certa atenção às crianças reconhecidas como fonte de distração ou relaxamento, o que chama de “crianças *bibelot*”, expressando um sentimento de “paparicação” pela infância.

Corazza (2002, p.81 apud ANDRADE, 2010) considera que a história da infância revela um silêncio histórico, ou seja, uma ausência de problematização sobre essa categoria, porque, do período da Antiguidade à Idade Moderna, “não existia este objeto discursivo a que hoje chamamos infância, nem esta figura social e cultural chamada ‘criança’”.

Segundo Andrade, 2010, o reconhecimento da infância enquanto etapa do desenvolvimento humano começa a se dar no século XVIII, com o advento do iluminismo e com o apogeu da sociedade industrial. Segundo o projeto iluminista, caberia à escola configurar-se como espaço para a transmissão do conhecimento científico e para a formação do cidadão. Em relação às crianças, o projeto escolar deveria prepará-las para a vida adulta e para o mundo produtivo. Ainda segundo a autora, nos séculos XIX e XX, surge a chamada infância científica, com a propagação de conhecimentos construídos por várias áreas do saber, o que determinará um conjunto de teorias e práticas a serem desenvolvidas para cuidar dessa categoria. São divulgadas normas de higiene e cuidados com as crianças, investe-se em campanhas de amamentação, criam-se instituições de atendimento, como as creches e jardins da infância.

O termo *infância*, porém, não representa um caráter universal, mas sim genérico, cujo significado resulta das transformações sociais, o que demonstra que a vivência da infância modifica-se conforme os paradigmas do contexto histórico e outras variantes sociais como raça, etnia e condição social, tais fatores são determinantes para múltiplas formas de vivência do universo infantil, não existindo, portanto, a infância enquanto categoria universal, e nem a infância no singular, mas diferentes vivências do ser criança em uma mesma cultura (Gouvêa, 2003, p.16). A história da criança brasileira também acontece no quadro das mudanças societárias, sendo que as múltiplas vivências da infância ocorreram em razão do pertencimento social, racial e de gênero (GOUVÊA, 2003, p.13).

Segundo dados do Unicef, em 2008, o Brasil possuía a maior população infantil de até seis anos das Américas, representando 11% de toda a população brasileira. Conforme os dados socioeconômicos do IBGE, a grande maioria das crianças na primeira infância se encontra em situação de pobreza, aproximadamente 11,5 milhões de crianças, ou 56% das crianças brasileiras de até seis anos de idade, vivem em famílias cuja renda mensal está abaixo de ½ salário mínimo *per capita* por mês. Os dados estatísticos revelam, ainda, que as crianças são especialmente vulneráveis às violações de direitos, à pobreza e à iniquidade, e as crianças negras apresentam quase 70% mais de chance de viver na pobreza do que as brancas. O Estatuto da Criança e do Adolescente designa criança toda pessoa até 12 anos de idade incompletos. Pode-se, assim, observar que no quadro legal brasileiro prioriza-se uma

definição da criança pelo critério etário e pelo aspecto biológico e que a concepção de infância é bastante diversa. A maioria, geralmente negras, vivem em um contexto de pobreza, sem acesso à saúde e educação de qualidade e muitas vezes inserida no trabalho infantil; a minoria, geralmente branca, vive em uma situação melhor, com pleno acesso à saúde e educação e longe do trabalho infantil e da exploração.

Dentre os saberes científicos produzidos sobre a infância, podem-se destacar as influências da psicologia do desenvolvimento que contribuíram e continuam a contribuir até hoje com as práticas pedagógicas.

A construção da identidade também se dá por meio destas relações sociais, de maneira progressiva a criança vai construindo seus próprios recursos, percebendo-se e percebendo os outros como diferentes. O conceito de identidade perpassa pela distinção que há entre o eu e o outro (SEEDF, 2007, p.55).

As instituições educacionais devem reconhecer e basear suas intervenções pedagógicas no conceito de que a criança é um sujeito histórico, pertencente a uma organização social, provida de cultura e sua construção de conhecimento se dá nas interações que estabelece com as pessoas a sua volta, fazendo uso de diversas e singulares linguagens, como o brincar, como forma de expressão e manifestação de anseios e desejos.

1.2 Bases Legais da Educação Infantil

A Educação no Brasil é dividida em Educação Básica e Educação Superior. A Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio são etapas da Educação Básica, sendo a Educação Infantil a primeira etapa (LDB, Art. 29) garantida como um direito do cidadão e dever do Estado atualmente às crianças de 0 a 5 anos, de acordo com a Constituição Brasileira de 1988, em seu Artigo 208, Inciso IV: *“o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de (...) educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade”*.

A Educação Infantil tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Deve cumprir duas funções indispensáveis e indissociáveis: educar e cuidar, segundo o Currículo da Educação Básica de Educação Infantil.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei n. 8.069/1990, ordenamento legal que reitera a criança como sujeito de direitos, no artigo 53 referencia a contribuição da

educação no desenvolvimento pleno da pessoa, na conquista da cidadania e na qualificação para o trabalho, destacando, ainda, aspectos fundamentais da educação, como política pública, quanto à necessidade de igualdade de condições para o acesso à escola pública. Traz também em seu Artigo 3º a garantia de oportunidade para um desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social em condições de liberdade e dignidade que deve ser assegurado às crianças e aos adolescentes:

“A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social em condições de liberdade e dignidade”.

A escola é um ambiente que deve atender às garantias citadas no artigo do Estatuto, no sentido de oferecer a oportunidade de se ter um desenvolvimento amplo e em condições de liberdade e dignidade.

A Lei nº 9.394, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, trata a Educação Infantil em seu Artigo 29º e sua gratuidade em seu Artigo 4º, inciso IV:

Art. 29º. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 4º. O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

IV – atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade.

A LDB também destaca que a Educação Infantil deve ser dividida em duas etapas, devendo a creche responsabilizar-se pela formação de crianças de 0 a 3 anos e a pré-escola pela formação de crianças de 4 e 5 anos, buscando o processo educativo complementar à atuação familiar.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, RCNEI, segundo o explicado em seu primeiro volume, é um documento que se constitui em um conjunto de referências e orientações pedagógicas com a função de contribuir com as políticas e programas da educação infantil socializando informações, discussões e pesquisas, subsidiando o trabalho educativo de técnicos, professores e demais profissionais, e apoiando os sistemas de ensino estaduais e municipais. Este documento orienta que a prática da educação infantil deve se organizar de modo que as crianças desenvolvam algumas capacidades, dentre elas:

- *Estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;*
- *Brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;*
- *Utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;*
- *Conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade.*

Estes são, segundo o RCNEI, alguns dos objetivos gerais da educação Infantil, que devem fundamentar todo o trabalho com esta etapa da Educação a nível nacional. Já a nível local, a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal possui o Currículo de Educação Básica de Educação Infantil, que deve possibilitar o alcance de dois objetivos básicos na Educação Infantil: A construção da identidade e da autonomia e a ampliação progressiva dos conhecimentos de mundo.

A Educação Infantil vem ganhando cada vez mais importância, sendo atualmente uma exigência social e ocupando um espaço significativo e relevante no cenário da educação brasileira. Seus princípios educativos devem estar ancorados em práticas sociais, culturais e pedagógicas significativas para que seja considerada de qualidade, sendo, assim, um espaço fundamental para a construção de novos conhecimentos, permitindo a interação da criança com o outro e com os fatos e objetos socioculturais e sendo essas situações de aprendizagem diferenciadas qualitativamente daquelas que perpassam a vida fora da escola.

1.3 O Currículo da Educação Infantil

Ao contrário dos outros níveis da educação básica, a Educação Infantil é mais livre, não tem tanta pressão dos conteúdos cognitivos. Porém, muitos aspectos devem ser levados em consideração da elaboração de currículo desta etapa. A Educação Infantil deve proporcionar experiências e interações com o mundo social e físico de forma ajustada às sucessivas idades que abrange, caso isso não ocorra, as experiências educativas se tornam menos interessantes e estimulantes e podem não obter dos alunos as potencialidades que possuem (PANIAGUA, 2007 pg. 11).

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) é um documento que trás uma proposta aberta, flexível e não obrigatória, que reúne um conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam a contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras (RCNEI, 1998 pg.13). O referencial tem a função de contribuir com as políticas e programas de Educação Infantil apoiando os sistemas de ensino estaduais e municipais, que o desejarem, na elaboração ou implementação de programas e currículos condizentes com suas realidades e singularidades encontradas no País.

Segundo este referencial as instituições de Educação Infantil devem oferecer às crianças condições para a aprendizagem, que ocorre com as brincadeiras e situações pedagógicas intencionais orientadas pelos adultos. Devem, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Assim, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis.

Ainda de acordo com o Referencial, a instituição de educação infantil deve tornar acessível a todas as crianças que a frequentam elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social, cumprindo um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação.

O RCNEI cita alguns objetivos específicos na educação de crianças de 0 a 3 anos e de 4 e 5 anos nas instituições de ensino:

Crianças de zero a três anos	Crianças de quatro a seis anos
<i>A instituição deve criar um ambiente de acolhimento que dê segurança e confiança às crianças, garantindo oportunidades para que sejam capazes de:</i>	<i>Para esta fase, os objetivos estabelecidos para a faixa etária de zero a três anos deverão ser aprofundados e ampliados, garantindo-se, ainda, oportunidades para que as crianças sejam capazes de:</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Experimentar e utilizar os recursos de que dispõem para a satisfação de suas necessidades essenciais, expressando seus desejos, sentimentos, vontades e desgostos, e agindo com progressiva autonomia; 	<ul style="list-style-type: none"> • Ter uma imagem positiva de si, ampliando sua autoconfiança, identificando cada vez mais suas limitações e possibilidades, e agindo de acordo com elas;
<ul style="list-style-type: none"> • Familiarizar-se com a imagem do próprio corpo, conhecendo progressivamente seus limites, sua unidade e as sensações que ele produz; 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e enfrentar situações de conflitos, utilizando seus recursos pessoais, respeitando as outras crianças e adultos e exigindo reciprocidade;
<ul style="list-style-type: none"> • Interessar-se progressivamente pelo cuidado com o próprio corpo, executando ações simples relacionadas à saúde e higiene; 	<ul style="list-style-type: none"> • Valorizar ações de cooperação e solidariedade, desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração e compartilhando suas vivências;
<ul style="list-style-type: none"> • Brincar; 	

Fonte: a autora (adaptado do RCNEI vol. 2)

Educar, conforme preconizado no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, consiste em proporcionar momentos de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas, de modo a contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis e a para aquisição das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas. Cuidar, por sua vez, significa valorizar e ajudar a criança no desenvolvimento de suas capacidades. Para se atingir tais objetivos, é necessário que as atitudes e os conhecimentos estejam voltados para o desenvolvimento integral da criança, levando em consideração as diferentes realidades socioculturais, de modo a contribuir para a formação de um ser humano crítico, criativo, reflexivo e solidário.

Nessa perspectiva, para que as crianças possam exercer sua capacidade criativa, é imprescindível que a instituição educacional proporcione momentos de ludicidade. A brincadeira e/ou o jogo proporciona benefícios indiscutíveis para o desenvolvimento, a construção da autonomia e o crescimento da criança. Por seu intermédio, a criança explora o meio, as pessoas e os objetos que a rodeiam, e aprende a coordenar variáveis para conseguir um objetivo.

As proposições legais referentes ao aprendizado das crianças está materializado no currículo da escola. Compreender a natureza deste currículo é importante para qualificar o lugar da Capoeira neste currículo.

CAPÍTULO II – O CURRÍCULO

Este capítulo trata dos estudos sobre currículo, abordando as Teorias Tradicionais e as Teorias Críticas segundo o autor Tomás Tadeu da Silva e fechando com uma discussão entre alguns autores sobre o Currículo Multicultural, o conceito e sua aplicabilidade.

2.1 Teorias Tradicionais e Teorias Críticas

O conceito de currículo escolar pode ser entendido de diversas maneiras, em sentido amplo abrange todas as experiências escolares, ou seja, a totalidade das experiências de aprendizagem planejadas e patrocinadas pela escola. Em sentido restrito, o currículo é o conjunto de matérias a serem ministradas em determinado curso ou grau de ensino.

Os livros didáticos e paradidáticos, as lições orais, as orientações curriculares oficiais, os rituais escolares, as datas festivas e comemorativas e tudo mais que for vivenciado em um ambiente escolar faz parte do currículo.

Saber qual conhecimento deve ser ensinado é a questão central das teorias sobre currículo. Para sanar a este questionamento, as teorias recorrem a discussões sobre a natureza humana, a natureza da aprendizagem ou sobre a natureza do conhecimento, da cultura e da sociedade para estabelecerem critérios de seleção do que ensinar. O currículo é, então, fruto de uma seleção de um universo maior de conhecimentos.

Outra questão importante nas discussões sobre currículo é o que as pessoas que o irão “seguir” devem se tornar, é uma questão de identidade e subjetividade, pois, é no curso do currículo que os alunos e alunas se tornam quem de fato são (Silva, 2005).

As teorias tradicionais sobre currículo estão voltadas à metodologia, organização, planejamento e eficiência, um autor de grande influência nesta teoria é Bobbitt.

O Currículo aparece pela primeira vez como objeto de estudo, provavelmente, nos Estados Unidos, em 1918, em uma obra de Bobbitt, *The Curriculum*, que é considerada um marco no estabelecimento do currículo como um campo especializado de estudos. (Silva, 2005 pg. 12). Para este autor, o currículo seria *a especificação precisa de objetivos, procedimentos e métodos para a obtenção de resultados que possam ser precisamente mensurados*. Esta definição tornou-se o conceito de currículo aceito pela comunidade escolar. Bobbitt propunha ainda que a escola funcionasse da mesma forma que uma empresa comercial ou industrial, o currículo seria uma questão de organização e tal como nas

empresas, o estabelecimento de padrões seria importante. A formação de padrões estaria ligada a questão da eficiência, ponto forte da teoria deste autor.

Dessa forma, o sistema educacional *deveria ser capaz de especificar precisamente que resultados pretendia obter, para que pudesse estabelecer métodos para obtê-los de forma precisa e formas de mensuração que permitissem saber com precisão se eles foram realmente alcançados* (Silva, 2005 pg. 23). A educação teria como finalidade as exigências profissionais da vida adulta.

As teorias tradicionais do currículo não faziam crítica aos arranjos educacionais existentes ou às formas dominantes de conhecimento, tinham o *estatus quo* como referência restringindo-se à atividade técnica de como fazer o currículo. Eram teorias de aceitação, ajuste, e adaptação.

Em 1960, começaram a surgir teorizações que colocavam em cheque a estrutura educacional tradicional. As teorias críticas do currículo propunham uma inversão nos fundamentos das teorias tradicionais, colocando em questão os arranjos sociais e educacionais da época e culpando o status quo pelas desigualdades e injustiças sociais. Eram teorias de desconfiança, questionamento e transformação radical, se preocupavam em desenvolver conceitos que permitissem compreender o que o currículo faz.

Embora Paulo Freire não desenvolva uma teoria em que se falasse especificamente sobre currículo, este é um importante autor das teorias críticas, pois, em sua obra, ele *discute questões que estão relacionadas com aquelas que comumente estão associadas com teorias mais propriamente curriculares* (SILVA, 2005 pg. 57). A crítica de Paulo Freire ao currículo está sintetizada no conceito de "educação bancária", tal forma de educação concebe que o conhecimento é formado puramente por informações e fatos que seriam transferidos do professor para o aluno, em uma via de mão única, num ato de mero depósito.

Como alternativa à educação bancária, Freire desenvolve o conceito de "educação problematizadora". Nesta concepção os homens mutuamente se educam através da intercomunicação e do diálogo, o diálogo é dispensado na educação bancária, porém, essencial na educação problematizadora, assim, todos os indivíduos estariam mutuamente envolvidos no ato de conhecimento.

Em conjunto com o ato de conhecimento proposto por Freire, sua teorização inclui o "conceito antropológico de cultura", que *significa entender a cultura, em oposição à natureza como criação e produção humana* (SILVA, 205 pg. 61). Não se faz assim, nesta concepção de cultura, distinção entre cultura erudita e popular, a cultura não é definida por qualquer critério estético ou filosófico, a cultura é resultado de qualquer trabalho humano, sendo assim, mais

apropriado falar em culturas e não em uma cultura universal. *Paulo Freire desenvolve uma perspectiva curricular livre de fronteiras entre cultura erudita e cultura popular e esta ampliação do que se constitui cultura permite que se veja a “cultura popular” como um conhecimento que legitimamente deve fazer parte do currículo (SILVA, 2005 pg. 62).*

2.2 - Currículo Multicultural

Dentro das teorias críticas do currículo, há, segundo Tomaz Tadeu da Silva, o campo dos Estudos Culturais. *Culture and Society*, 1958, de Raymond Williams, é uma das obras centrais deste campo de estudos, é nesta obra que o autor trás a concepção de cultura que é a base para as teorias e metodologias posteriores. Para Williams, *a cultura deveria ser entendida como o modo de vida global de uma sociedade, como a experiência vivida de qualquer agrupamento humano (SILVA, 2005, pg. 65)*, em contraponto, segundo Silva, *a cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla.* Os Estudos Culturais concebem a análise da cultura dessas duas formas, sendo ainda um campo de luta de grupos sociais situados em posições diferentes de poder em torno da significação social, sua imposição de significados à cultura mais ampla.

A relação entre cultura, significação, identidade e poder estão no centro das discussões do campo dos Estudos Culturais, e estas relações implicam substancialmente no campo do currículo escolar, sendo o mesmo um campo de luta em torno da significação e da identidade das minorias.

Seguindo uma visão antropológica, não se pode conceber uma hierarquia entre as culturas humanas, todas as culturas são epistemológica e antropológicamente equivalentes, ofato de existirem culturas dominantes e culturas dominadas, em um mesmo espaço geográfico, é uma questão puramente política. *Dessa forma, o multiculturalismo é fundamentalmente ambíguo: Por um lado, representa um movimento legítimo de reivindicação dos grupos culturais dominados pra terem suas formas culturais conhecidas e representadas na cultura nacional, por outro, pode ser visto como uma solução para os “problemas” que a presença de grupos raciais e étnicos gera para a cultura nacional. (SILVA, 2005).*

Nossas sociedades contemporâneas são inegavelmente multiculturais. Nelas, as diferenças derivadas de dinâmicas sociais como classe social, gênero, etnia, orientação sexual, cultura e religião expressam-se nas distintas esferas sociais (MOREIRA, 2001) e seus efeitos,

como o preconceito e a exclusão as influenciam fortemente. A diversidade pode ser entendida como um fenômeno que atravessa o tempo e o espaço e se torna uma questão cada vez mais séria quanto mais complexas vão se tornando as sociedades (*MEC – 2007 pg 19*).

A educação multicultural deve estar presente nos currículos através de práticas pedagógicas que desenvolvam sensibilidade para a pluralidade de valores e universos culturais, através de maior intercâmbio cultural no interior de cada sociedade e entre diferentes sociedades, e que também resgatem valores culturais ameaçados, visando-se garantir a pluralidade cultural e reduzir os preconceitos e as discriminações (1998, CANEN apud MOREIRA, 2001). O currículo multicultural deve conter uma visão positiva da diversidade, pois experimentá-la faz parte dos processos humanos de socialização.

O currículo “multicultural” que temos hoje na maioria das escolas traz as identidades dominadas como exóticas ou folclóricas através de breves representações em meio aos conteúdos que reafirmam a construção social dominante. As ideias de tolerância, respeito e convivência harmoniosa entre as culturas são agregadas à este currículo, porém, de forma a deixar intacta as relações de poder que estão por trás da produção da diferença.

Segundo Silva, uma teoria crítica do currículo não se limitaria, pois, a ensinar a tolerância e o respeito, por mais desejável que isso possa parecer, mas insistiria, em vez disso, numa análise dos processos pelos quais as diferenças são produzidas através de relações de assimetria e desigualdade. A diferença é colocada em questão, e não simplesmente tolerada e respeitada. A simples presença da diversidade não garante o trato positivo da mesma.

Pode-se, com o auxílio da educação multicultural, destacar a responsabilidade de todos no esforço por tornar o mundo menos opressivo e injusto e propiciar a contextualização e a compreensão do processo de construção das diferenças e das desigualdades, dessa forma, as pessoas têm direito a ser iguais sempre que a diferença as tornar inferiores; contudo, têm também direito a ser diferentes sempre que a igualdade colocar em risco suas identidades (1997, SANTOS apud MOREIRA, 2001). Desta maneira, o currículo é um importante instrumento por meio do qual podem ser implementadas propostas e práticas multiculturalmente orientadas tanto na educação escolar formal quanto em projetos paralelos ao sistema oficial.

Diversidade de etnia, gênero, sexualidade e classe social são alguns dos aspectos que o currículo multicultural deve tratar, mas, segundo artigos publicados na área, em relação aos aspectos do povo negro, encontram-se acentuados a falta de material didático adequado, as representações estereotipadas dos negros nos livros-texto e, em alguns poucos casos, a importância de se incluírem nos currículos estudos da história e da cultura da população negra

(MOREIRA, 2001) e é neste aspecto que a Capoeira, luta de origem afro-brasileira, aparece como importante instrumento pedagógico.

CAPÍTULO III – A CAPOEIRA COMO UMA PROPOSTA MULTICULTURAL DO CURRÍCULO

O propósito deste capítulo é mostrar como a Capoeira tem sido vivenciada historicamente, até surgir no currículo da escola. E trazer um relato da experiência da autora com esta prática pedagógica a partir do método da pesquisa-ação.

A sociedade brasileira, a partir da segunda metade do século XX, começa a viver – não sem contradições e conflitos – um momento de maior consolidação de algumas demandas dos movimentos sociais e da sua luta pelo direito à diferença. É possível perceber alguns avanços na produção teórica educacional, no Governo Federal, no Ministério da Educação, nas Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, nos projetos pedagógicos das escolas, na literatura infanto-juvenil, na produção de material didático alternativo e acessível em consonância às necessidades educacionais especiais dos alunos. Entretanto, apesar dos avanços, ainda existe muito trabalho a fazer (MEC, 2007 pg. 27).

Há diversos conhecimentos produzidos pela sociedade que ainda estão ausentes, ou quase, nos currículos e na formação dos professores, como, por exemplo, o conhecimento produzido pela comunidade negra ao longo da luta pela liberdade e superação do racismo. Esse conhecimento é apresentado aos alunos apenas em datas específicas, como o “Dia da Consciência Negra” ou “Dia do Folclore”, no entanto, conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas valorizando a diversidade é um dos objetivos gerais da Educação Infantil segundo o RCNEI.

3.1 Capoeira: Uma das Expressões da Cultura Popular Brasileira

A capoeira é uma luta de ataque e defesa, que pode ser utilizada como ginástica, dança, manifestação folclórica, terapia, luta eficientíssima de defesa pessoal e tema para arte (Almeida, 2005 pg. 26). Trata-se de luta baseada em um diálogo corporal, no qual terá maior destaque o jogador que fizer mais perguntas corporais do que as respostas corporais obtidas, ou aquele capaz de apresentar mais argumentos corporais do que as perguntas corporais que

lhes foram feitas. Neste diálogo estão em jogo os braços, as pernas, a cabeça e os jeitos corpo. Tudo leva a crer que seja uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros (ALMEIDA, 2005 pg. 24).

Os negros oriundos de vários países africanos, principalmente os de origem Bantu, da África Ocidental, vieram para o Brasil no século XVI, quando o País ainda era colônia de Portugal, para servirem de mão de obra escrava. Muitos pesquisadores já estiveram em diferentes países africanos e não acharam por lá nenhum indício da Capoeira que se tem aqui no Brasil, contudo, documentos importantes sobre a escravidão no país foram destruídos, queimados por decreto do então Ministro da República Rui Barbosa, o que gera controvérsias para os estudiosos da área. “Rui afirmava que o tráfico era uma mancha negra na história do País e por isso resolveu apagá-la, como se isso fosse possível, com grandes prejuízos para a nossa história e para os historiadores em geral” (ALMEIDA, 2005 pg. 25). Dessa forma, a dúvida sobre a brasilidade da capoeira ainda existe, mas grande maioria dos estudiosos do assunto a considera de legítima origem brasileira.

A escravidão, a violência e a repressão sofridas pelos negros fizeram com que desenvolvessem uma luta com representações de suas músicas e danças, esta luta foi fator essencial na conquista da liberdade. Os ritmos, costumes religiosos, instrumentos e valores dos diferentes povos se uniram em uma cultura afro-brasileira e a Capoeira é um fruto desse processo. O ensino e prática da Capoeira ocorria próximo às senzalas, e, com a fuga dos negros para o interior do País e o surgimento dos quilombos, em clareiras abertas na mata chamadas na época de Capoeiras ou Capoeirões, palavra de origem Tupi, que provavelmente deu nome à luta. *“Tende-se a acreditar que o vocábulo, de origem indígena Tupi, tenha servido para designar negros quilombolas como “negros das capoeiras”, posteriormente, como “negros capoeiras” e finalmente apenas como “capoeiras””* (2004, in VIEIRA, SÉRGIO LUIZ p. 1).

No fim do século XIX, com a difusão de ideais abolicionistas, ocorreram no Brasil grandes fugas de escravos das fazendas, ataques das milícias quilombolas às propriedades e muitas outras manifestações dos escravos pela liberdade. O governo tentou conter esses movimentos com algumas leis como a Lei dos Sexagenários¹ e a Lei do Ventre Livre², mas veio a abolir a escravidão em 13 de maio de 1888, com a Lei Áurea³. Mesmo com a libertação

1- Lei dos Sexagenários: Lei nº 3270, DE 28 De setembro DE 1885. Declarou livre os maiores de sessenta anos.

2- Lei do Ventre Livre: Lei nº 2040 de 28 de setembro de 1871. Declarou livre todos os filhos de Escravas que nascerem no Império desde a data da lei.

3- Lei Áurea: Lei n.º 3.353, de 13 de maio de 1888. Extinguiu a escravidão no Brasil.

os negros continuaram excluídos da sociedade, eram sinônimo de marginais e vadios, desordeiros e delinquentes, continuaram entregues a própria sorte, não tinham moradia e nem trabalho. Diante deste cenário, muitos começaram a utilizar a capoeira e a notável agilidade que desenvolviam com sua prática para fazer serviços de guarda de corpo, de mercenários, assassinos de aluguel, capangas e etc., até que a prática foi considerada crime, já na República. Entre os capoeiras desta época estavam os escravos fugitivos, negros libertos e elementos marginalizados pela sociedade escravagista.

Em 1889 houve a proclamação da República no Brasil, e na cidade do Rio de Janeiro, a capital, era marcada pelos crimes e delinquências dos capoeiras da época, o que ia de encontro aos ideais de construção de um país com valores cristãos e europeus que se pretendia instituir. Houve grande recusa da matriz africana na sociedade brasileira e por ordem do então chefe do governo, Marechal Deodoro da Fonseca, a capoeiragem e os capoeiras deveriam ser extintos.

A prática da Capoeira foi incluída no Código Penal da República, em 1890, em seu Capítulo XIII- “Dos Vadios e Capoeiristas”, artigos 402 a 404:

*“Art. 402- Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação de capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal;
Pena- De prisão celular de dois a seis meses. A penalidade é do art. 98.*

Parágrafo Único- É considerada circunstância agravante pertencer o Capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes se imporá pena em dobro

Art. 403- No caso de reincidência será aplicada ao Capoeira, no grau máximo a pena do art. 400.

Parágrafo Único- Se for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404- Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranqüilidade ou segurança pública ou for encontrada com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes”.

Após este período de grande perseguição policial, que durou cinquenta anos, a prática da capoeira foi ocultada e seu ensino mantido em sigilo, situação que perdurou até o princípio

deste século, mas isto não foi suficiente para extinguir a capoeira e outras manifestações da cultura afro-brasileira.

A Capoeira foi sendo aos poucos difundida e incorporada por negros, brancos e mestiços e nunca deixou de ser praticada. Com as revoluções na educação, no esporte e na educação física que aconteceram no final do século XIX, a Capoeira acabou sendo submetida a um processo de “esportivização” e a partir deste período constata-se uma decadência da Capoeira enquanto prática criminosa. Estabelecida a partir de Códigos, a Capoeira conseguiu ter uma padronização técnica, cultural, desportiva, educacional e administrativa, que é definida a partir de Congressos Nacionais e Internacionais, trilhando um novo caminho no qual fora aceita socialmente. A prática desportiva foi a mais antiga forma organizacional da Capoeira e até hoje continua em atuação, em franca expansão internacional.

No processo de afirmação da Capoeira como luta brasileira e sua descriminalização, um grande capoeirista foi importante, Manuel dos Reis Machado, o mestre Bimba.

3.1.1 - Mestre Bimba e a Luta Regional Baiana

Manoel dos Reis Machado, o Mestre Bimba era baiano, exímio lutador que contava com um grande carisma popular e promoveu grandes transformações no ensino da Capoeira. Ele incorporou técnicas de outras lutas, criou novos rituais e sistematizou o ensino da Capoeira, o que contribuiu com a descriminalização e aceitação desta arte pela sociedade dominante da época.

Mestre Bimba criou a Luta Regional Baiana, ou Capoeira Regional, tirando o seu ensino e prática das ruas e levando-os para uma academia. Ele foi primeiro Mestre a abrir uma escola (academia) de Capoeira, em 1932. Seu "Centro de Cultura Física e Capoeira Regional" foi também a primeira escola de Capoeira reconhecida oficialmente pelo governo, em 1937. Uma característica importante da Escola de Mestre Bimba, que teve fator importante para a prática e reconhecimento da Capoeira, era que a maior parte de seus frequentadores eram de classe média e alta, estudantes universitários e segundo a maioria dos autores, é graças a isso que a Capoeira começa a ganhar mais aceitação social, deixando de ser considerada como algo praticado por desqualificados marginais e passando a ser vista como uma manifestação cultural do povo baiano.

Dessa forma, a capoeira que nasceu e sempre pertenceu às camadas mais excluídas da sociedade conseguiu entrar nas instituições educativas públicas e privadas e hoje está em amplo processo de expansão pelo mundo.

3.2 - A Capoeira na Educação Infantil

Desde seu surgimento a escola é um dos principais aparelhos ideológicos do estado, nela são difundidos os valores ditos essenciais para a sociedade. Neste contexto, a Capoeira não estaria presente no ambiente escolar se não fosse modificada e sistematizada de forma a agradar a sociedade dominante.

Apesar da modificação que sofreu até os dias de hoje, o ensino e prática da Capoeira ainda trazem a essência de uma autêntica manifestação por libertação de um povo subjugado, que se apega as suas raízes para encontrar forcas e continuar resistindo, agregando valores multiculturais importantes para todos os níveis de educação. No caso da Educação Infantil, pode ser explorada de maneira lúdica e despertar o interesse das crianças, oferecendo inúmeras alternativas de intervenção no que se refere à atividade física e outros fatores propostos no RCNEI e em outras diretrizes, dentre eles a musicalidade, o movimento e o ritual e as relações interpessoais, priorizando um processo que enfatize a aquisição da autoestima, autonomia e construção da identidade por parte dos alunos.

Através da prática da Capoeira, do contato com as letras das músicas que são cantadas (que sempre trazem histórias de luta e resistência do povo negro e contam fatos de seu dia-a-dia) e com sua ritualidade, é possível aproximar as crianças, e os praticantes em geral, da história de seu povo e de sua cultura passando por um ponto importante que é a valorização das tradições passadas de geração em geração e o respeito a essas tradições populares.

“ [...] podemos afirmar que o ambiente vivenciado pelo capoeirista extremamente significativo no que diz respeito a vinculação deste com a memória social que lhe é transmitida como herança, a qual não teria acesso por outros meios, dada a precariedade com que os aspectos ligados as tradições populares e a culturas dos povos historicamente subjugadas, são tratados pelos programas escolares e pelas instituições oficiais responsáveis pelos assuntos relativos a preservação da memória nacional” (CASTRO, ABIB & SOBRINHO, 2000).

A autoestima é desenvolvida a partir da valorização da cultura negra, que muito sofre com o preconceito em nossa sociedade. As crianças aprendem a se ver como pertencentes a uma cultura valorizada, cheia de histórias e significados que são experimentados a cada aula. Dessa forma, a pratica da Capoeira adquire dimensões bem mais amplas do que uma simples atividade corporal e passa a ter um significado de prática social, cabendo ao educador

estabelecer as "pontes" entre os aprendizados e valores presentes na cultura popular através da capoeira e as crianças que vivem hoje em uma sociedade marcada pela globalização e a tecnologia, enriquecendo assim a construção da sua cidadania.

Um processo pedagógico que se utiliza da Capoeira tem condições de reunir elementos indispensáveis na formação de uma consciência crítica e reflexiva sobre a realidade que cerca o aluno, que por sua vez, tem a possibilidade de se reconhecer como sujeito de uma práxis político-pedagógica, dentro dos princípios de uma educação libertadora.

A cultura “popular” transmite uma variedade de formas de conhecimento que embora não sejam reconhecidas como tais são vitais na formação da identidade e da subjetividade. (SILVA, 2005 pg. 140).

A Capoeira é história, filosofia de vida, sentimento de brasilidade, música, dança, jogo, ritmo, amor, poesia, educação, cultura e é a arte de brincar com o nosso corpo no tempo e no espaço, não só do ponto de vista da psicomotricidade, mas da contextualização da sua própria identidade histórica. Tudo isso é movimento e se é movimento, é vida (FREITAS, 2007 pg. 18).

3.3 – Relato de Experiência no Espaço Escolar

3.3.1 Experiência 1: Uma Proposta de Currículo Tradicional

As atividades realizadas em um contexto de currículo tradicional foram realizadas em um ambiente de aprendizagem não escolar, um Abrigo para crianças e adolescentes na Asa Norte, em Brasília – DF. A ONG internacional de promoção ao desenvolvimento social que trabalha para atender às necessidades, defesa, garantia e promoção dos direitos de crianças, adolescentes e jovens atende crianças em situação de vulnerabilidade social, que perderam ou estão prestes a perder os cuidados de suas famílias. O trabalho da ONG está fundamentado na defesa, garantia e promoção integral dos direitos da criança e do adolescente em seu desenvolvimento social, e visa o direito a um convívio em ambiente familiar e comunitário.

As oficinas de capoeira foram realizadas a partir do projeto “Aprendendo com a Cultura Brasileira”, que atua no local e conta com uma equipe multidisciplinar nas áreas de ciência da educação, pedagogia, psicologia, biologia, artes cênicas, ciências sociais, educação física e jornalismo para a elaboração, execução e avaliação dos projetos. O responsável pelo trabalho de Capoeira na ONG é graduado em Ciência da Educação e Pedagogia e praticante de

Capoeira desde 1992 e cedeu o espaço para a realização das oficinas, se colocando à disposição para tirar dúvidas e colaborar com a realização das oficinas.

3.3.1.1 Refletindo Sobre a Prática da Capoeira Nesse Espaço Educativo:

Prática Pedagógica 1: Brincadeira Capitão-do-Mato.

A atividade consistiu em uma brincadeira de interpretação, vivência de um personagem, onde duas crianças eram os escravos e tinham que fugir dos outros, os capitães do mato, que formavam um círculo ao redor deles com um elástico passado por trás, ajudando a fechar o círculo. Os “escravos” só podiam fugir dos círculo de capitães do mato com movimentos de Capoeira e ao longo da atividade os papéis de escravo e capitão do mato eram revezados por todos da turma.

Durante a realização da atividade, as crianças ficaram muito entusiasmadas, se dedicaram muito a dificultar a saída dos que faziam o papel dos escravos e se divertiram bastante. Foi possível observar que contexto da brincadeira foi bem compreendido pelas crianças envolvidas, porém para ter um contexto de currículo multicultural melhor desenvolvido o contexto histórico poderia ter sido mais bem introduzido antes da realização da atividade. Poderia, por exemplo ter sido introduzido com uma contação de histórias infantis ou apresentação e reflexão a partir de músicas. Desta maneira seriam explorados aspectos culturais envolvidos nos personagens, e, com a interpretação, tais aspectos seriam internalizados pelas crianças de uma maneira lúdica. Sem a introdução do assunto, a atividade ficou limitada a trabalhar aspectos psicomotores, sem muito incitar a curiosidade sobre a história brasileira e assim contribuir para o fortalecimento da identidade cultural.

Prática Pedagógica 2: Brincadeira Fuga no Canavial.

Nesta atividade, a brincadeira de “pega-pega” tradicional foi contextualizada em um “canavial” formado pelos alunos da turma, o “canavial” mudava de formato de acordo com os comandos dados às crianças através de diferentes notas tocadas no berimbau, uma das crianças foi escolhida para ser o capitão do mato e devia “pegar” outra criança da turma escolhida para ser o escravo que fugia e se escondia com agilidade no “canavial”. O revezamento dos personagens foi feito a cada escravo que era “pego”, este se tornava o

capitão do mato e era escolhido um novo escravo até que todas as crianças tivessem sido escravo e capitão do mato.

A atividade teve como objetivo, além de desenvolver aspectos motores, contextualizar os alunos na luta dos escravos pela liberdade. Porém, esta contextualização não ficou bem desenvolvida sem uma introdução do assunto com as crianças da turma. Sem esta introdução a atividade desenvolveu primordialmente os aspectos motores e desta maneira não se explorou bem o campo das representações e os contextos culturais que podem ser vivenciados através deste.

Prática Pedagógica 3: Desenhando a Capoeira

Com o objetivo de trabalhar a expressão artística das crianças através do desenho sobre o que vivenciam e gostam foi pedido às crianças que desenhassem o que representava a Capoeira para elas. Após apresentados à turma, foi montada uma exposição dos desenhos para que os pais, outros moradores e servidores do abrigo e toda a comunidade pudessem vê-los e aprecia-los. Os desenhos retrataram experiências vivenciadas pelas crianças nas aulas de Capoeira, como, o alongamento, as brincadeiras, o carinho com os educadores do projetos e os movimentos de Capoeira já aprendidos mas apesar da expressão no desenho do que as crianças mais gostavam e mais se identificavam, a atividade teria sido melhor trabalhada num contexto multicultural se, além da exposição dos desenhos, fosse pedido para os alunos para que falassem um pouco sobre as experiências retratadas, de maneira que as socializassem com as outras crianças.

Prática Pedagógica 4: Gingando com Balões.

Nesta atividade, cada criança ganhou um balão cheio e de cor diferente e foram passados movimentos da Capoeira que deveriam ser executados por eles sem que deixassem o balão cair, dentro de suas limitações motoras. Cada criança escolheu a melhor maneira para segurar o balão e também foi permitido chutá-lo para cima a cada movimento de maneira que o pegassem antes de cair no chão. Esta atividade é de contexto tradicional, pois busca desenvolver o equilíbrio e reflexo das crianças, a coordenação motora fina e aprimorar os movimentos da Capoeira. Um bom aproveitamento desta atividade em um contexto de currículo multicultural seria propor a solidariedade entre as crianças formando parcerias para não deixar o balão tocar no chão.

Prática Pedagógica 5: Aprendendo o Maculelê

Nesta atividade os alunos receberam dois bastões feitos de material leve (cabo de vassoura) e aprenderam alguns passos do Maculelê, expressão cultural nascida na Bahia e derivada dos ritmos africanos onde são apresentados passos de dança ritmados com as batidas de um bastão no outro, marcadas pelo som do atabaque. Os alunos aprenderam as músicas típicas desta manifestação e aprenderam os passos básicos. A atividade teve o objetivo de ensinar para as crianças um pouco sobre esta manifestação cultural folclórica, e desenvolver aspectos motores. Para um melhor aproveitamento em um currículo multicultural, seria importante ensinar o valor de se aprender novos atributos da cultura, trabalhar a dramatização e contextualizar melhor as crianças com a história do Maculelê, que nasceu de uma lenda onde um guerreiro salva sua tribo da invasão de inimigos lutando com apenas dois bastões.

3.3.2 Experiência 2: Uma Proposta de Currículo Multicultural

A experiência de prática pedagógica da Capoeira realizada em um contexto de currículo multicultural foi realizada em uma escola de educação infantil particular localizada em uma região administrativa do DF. As aulas de Capoeira acontecem na escola no mesmo horário em que as crianças tem as demais atividades em sala de aula e de maneira interdisciplinar com a participação dos (as) professores (as) responsáveis pelas turmas.

A escola tem turmas de crianças de dois a cinco anos e tem ótima infraestrutura, os alunos matriculados são em maioria de classe média e média alta, o que contrasta com as crianças que vivenciaram as práticas pedagógicas do Abrigo, que estão em situação de vulnerabilidade social. As práticas pedagógicas relatadas foram realizadas com as crianças maiores, de quatro e cinco anos.

3.3.2.1 Refletindo Sobre a Prática da Capoeira Nesse Espaço Educativo:

Prática Pedagógica 6 : Historinha - A Menina Bonita do Laço de Fita

Era uma vez uma menina linda, linda.

Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes.

Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra quando pula na chuva. Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida. Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar.

Do lado da casa dela morava um coelho branco, de orelha cor-de-rosa, olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelicando. O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto em toda a vida. E pensava:

- Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela...

Por isso, um dia ele foi até a casa da menina e perguntou:

- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

- Ah, deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina...

O coelho saiu dali, procurou uma lata de tinta preta e tornou banho nela. Ficou bem negro, todo contente. Mas aí veio uma chuva e lavou aquele pretume, ele ficou branco de novo.

Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

- Ah, deve ser porque eu tomei muito café quando era pequenina.

O coelho saiu dali e tomou tanto café que perdeu o sono e passou a noite toda fazendo xixi. Mas não ficou nada preto. Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

- Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina. O coelho saiu dali e se empanturrou de jabuticaba até ficar pesadão, sem conseguir sair do lugar. O máximo que conseguiu foi fazer muito cocozinho preto e redondo feito jabuticaba. Mas não ficou nada preto. Por isso, daí a alguns dias ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia e já ia inventando outra coisa, uma história de feijoada, quando a mãe dela, que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse:

- Artes de uma avó preta que ela tinha...

Aí o coelho - que era bobinho, mas nem tanto - viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos. E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta para casar.

Não precisou procurar muito. Logo encontrou uma coelhinha escura como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça. Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, que coelho quando desanda a ter filhote não para mais.

Tinha coelho pra todo gosto: branco, bem branco, branco meio cinza, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha. já se sabe, afilhada da tal menina bonita que morava na casa ao lado.

E quando a coelhinha saía, de laço colorido no pescoço, sempre encontrava alguém que perguntava:

- Coelha bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

E ela respondia:

- Conselhos da mãe da minha madrinha...

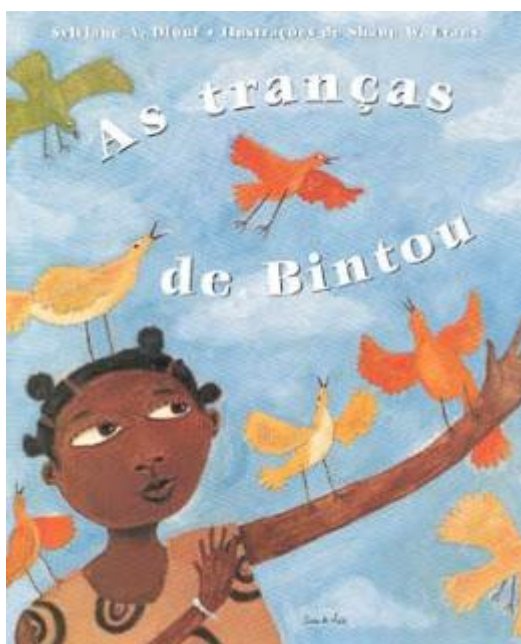
A história da Menina Bonita do Laço de Fita foi escolhida porque aborda a diversidade racial de maneira sutil e de fácil compreensão para as crianças. A atividade propôs uma conversa sobre as diferenças físicas e fisiológicas das pessoas e o porquê de elas acontecem, e como acontecem com todas as criaturas do planeta, de maneira natural. Assim como a Menina do Laço de Fita, herdamos características de nossos pais e avós e a discussão com as crianças permeou o eixo de que as diferenças são naturais e normais, não havendo motivo para julgamentos quanto a isso. Após a leitura da história, cada criança escolheu uma fita colorida diferente fornecida para o professor e se enfeitaram para uma animada roda de Capoeira.

Prática Pedagógica 7: Fazendo Bonecos: Personagens da Cultura Afro-brasileira

Após apresentar às crianças algumas fotos de personagens importantes da cultura Afro-brasileira e contar-lhes um pouco sobre a história de cada um, foi proposto que construíssem bonecos destas pessoas com massa de modelar. As crianças ficaram a vontade para usar a massa de modelar como quiseram e das cores que preferiram, e o resultado foi muito bom, elas construíram bonecos de pele escura e gostaram bastante da atividade.

Esta prática pedagógica ajudou a mostrar o valor de pessoas negras que representam muito para a Capoeira, como os mestres Bimba e Pastinha, e para o Brasil, como Zumbi dos Palmares, e ao construírem bonecos negros, as crianças fogem do que é exigido por um padrão de beleza que atualmente vigora em nossa sociedade e que têm contato em filmes, desenhos, e brinquedos infantis. Além das características físicas, as crianças foram orientadas a retratar nos bonecos um movimento de Capoeira de sua preferência.

Prática Pedagógica 8: Livro: “As tranças de Bintou” de Sylviane Anna Diouf



<http://www.youtube.com/watch?v=-bV-ysrVtLk> (Narrativa no site: www.youtube.com.br)

O Livro “As tranças de Bintou”, de Sylviane Anna Diouf, conta a história de Bintou, uma menina negra que se aceita, se gosta e é feliz onde vive. Bintou tem o sonho de ter cabelos grandes e bonitas tranças, mas em sua aldeia as crianças não as usam. Para que fiquem mais livres para brincar, as crianças da aldeia de Bintou usam os cabelos arrumados em garrotes (pequenos coques em toda a cabeça) e ela se pergunta quando vai crescer e ter lindas tranças até que sua avó lhe explica que logo vai crescer e enfeita seus garrotes com fitas coloridas fazendo que se sinta linda e livre para brincar até crescer.

Após assistirem a narração do livro (disponível no site www.youtube.com), as crianças são questionadas sobre o lugar que a menina Bintou vivia, quais as diferenças entre a vida de Bintou e a vida deles, se eles são livres para brincar como Bintou, e o que eles tem muito desejo de fazer mais não podem. Esses questionamentos serviram para iniciar uma conversa sobre como os negros desejavam ser livres quando foram escravizados e de como a Capoeira serviu para auxiliá-los na luta pela liberdade.

Prática Pedagógica 9: Solidariedade: Compor em Pares

Com os instrumentos da Capoeira as crianças s foram incentivadas a compor uma música, com a ajuda de um amigo. Após compartilharem com todos as composições, uma roda de conversa sobre amizade e solidariedade é aberta.

A atividade propôs que as crianças ajudassem e fossem ajudadas por seus amigos para que os dois se divertissem tocando e cantando juntos. Dividindo e revezando os instrumentos, elas exercitaram o ato de compartilhar, vendo que isto é necessário para que a música de Capoeira se realize. Para uma roda acontecer é preciso ter Berimbau, Pandeiro, Agogô e Atabaque, instrumentos diferentes que sozinhos não fazem a roda, mas tocados em conjunto são indispensáveis para a brincadeira de Capoeira. Aceitar a opinião do outro e respeitar suas possíveis dificuldades foi o grande ensinamento da prática pedagógica e as crianças conseguiram bons resultados nesse aspecto.

Prática Pedagógica 10: Sobre o Maculelê

O Maculelê é uma manifestação cultural oriunda cidade de Santo Amaro da Purificação – Bahia, berço também da Capoeira. É uma expressão teatral da cultura afro-brasileira que tem grande influência também de costumes indígenas e conta através da dança e de cânticos a lenda de um jovem guerreiro, que sozinho conseguiu defender sua tribo de outra tribo rival usando apenas dois pedaços de pau, tornando-se um herói.

Cada criança recebeu dois bastões feitos de cabo de vassoura, que é um material mais leve e portanto mais apropriado para este público, e ficaram livres para decorá-lo com tintas de várias cores. Após isto reproduziram a lenda que deu origem ao Maculelê aprendendo sobre sua origem.

A prática pedagógica teve o objetivo de desenvolver o aspecto criativo e reconhecimento pessoal, tendo em vista que cada bastão ficou diferente do outro assim como as pessoas são diferentes umas das outras, e isto foi conversado com as crianças. O conceito de lenda e a importância da história oral permearam uma roda de conversa ao fim da atividade. No contexto multicultural a prática pedagógica do Maculelê teve seu foco centrado no ensino do valor de se aprender novos atributos da cultura, trabalhar a dramatização e contextualizar melhor as crianças com a história desta manifestação cultural agregada pela Capoeira.

3.4 Depoimento de Mestres e Educadores de Capoeira na Educação Infantil

Algumas pessoas de relevância para a comunidade da Capoeira em Brasília foram entrevistadas sobre o currículo multicultural e a Capoeira aplicada neste contexto. Cada entrevistado falou um pouco sobre sua trajetória na Capoeira, a sua prática pessoal com as crianças, o que acha sobre o ensino de capoeira nas escolas e o que espera da Capoeira.

Os depoimentos trazem uma ideia de como a Capoeira é trabalhada atualmente na educação infantil, os entrevistados são de idades, graduação, grupos e estilos de Capoeira diferenciados para dar uma visão mais ampla possível do quadro.

3.4.1 Entrevista 1: Mestre de Capoeira

Fale um pouco sobre sua história na Capoeira:

Pratico Capoeira há 32 anos, comecei com 12 anos de idade e tenho no mestre que me ensinou a Capoeira um grande exemplo, de principal importância em minha educação, inclusive me incentivando a escolher a Educação Física como curso superior.

Quando iniciei o curso de Educação Física eu já praticava a Capoeira e gostei bastante do curso porque pude agregar os conhecimentos acadêmicos aos conhecimentos eu já tinha com a prática. Comecei a dar aulas de capoeira em 1986 em um clube em Brasília.

As matérias de psicologia e anatomia foram as que mais contribuíram para aprimorar a minha prática e ensino da Capoeira. Aprendi por exemplo que até os cinco anos de idade as extremidades do fêmur ainda se encontram esponjosas, em formação, e por este motivo a prática de esportes de impacto até essa idade pode causar uma má formação devida a calcificação precoce desse osso. Então, o educador de Capoeira ao trabalhar com crianças deve saber que não é aconselhável trabalhar com saltos ou movimentos muito bruscos,

aconselho o uso de tatames ou tapetes emborrachados para que o impacto seja menor e é importante que o profissional que dá aulas de Capoeira seja capacitado para isso.

Fale um pouco sobre sua prática de Capoeira com crianças:

A Capoeira oferece inúmeras formas de ser trabalhada, por exemplo: a parte da musicalidade, a parte histórica e a parte lúdica de jogos e brincadeiras. A prática com crianças de até cinco anos deve ser baseada em aspectos mais lúdicos, deixando a parte da prática como luta marcial para crianças maiores de cinco anos.

Continuo aprendendo a cada dia, mesmo após trinta e dois anos de prática da Capoeira e as crianças são as que mais têm a ensinar, pois são verdadeiras, se a aula estiver ruim ou não concordarem com alguma coisa elas reclamam. Para mim, a Capoeira é uma filosofia de vida.

Quando pergunto às crianças o motivo de gostarem da capoeira, elas respondem que é pela música, pelos jogos e pelas brincadeiras, que são diferentes das trabalhadas em suas escolas. Como a capoeira desperta interesse com esse lado, é importante usá-la para trabalhar a história do Brasil e do povo Afro- Brasileiro e aprender isso é um direito do cidadão devendo começar desde cedo, com as crianças. Eu costumo a falar com as crianças que a Capoeira também é uma criança e que os pais dela namoraram lá na África, mas ela nasceu aqui no Brasil. Com isso elas começam a entender a origem da Capoeira. É importante também que a criança não se sinta pressionada a praticar Capoeira, a Capoeira tem que ser prazerosa para ela, tem que ser uma brincadeira em que um pergunta e que o outro responde.

Você acha importante o ensino de Capoeira nas Escolas?

Sou altamente a favor que a Capoeira seja ministrada nas escolas, tanto públicas quanto particulares, portanto, acho que tem que haver uma boa capacitação dos profissionais, nem todo capoeirista hoje está bem preparado para dar aula, principalmente para crianças. As pessoas sabem que as aulas são reforçadas pelas pessoas mais graduadas e mestres antigos de forma oral, e isso vem desde o tempo dos escravos. Não podemos deixar de ter isto, mas temos que aprimorar a parte do conhecimento didático para dar aulas, temos que ter políticas públicas ou uma organização melhor para que se tenha o profissional de Capoeira dentro da escola.

3.4.2 Entrevista 2: Instrutor de Capoeira

Fale um pouco sobre sua história na Capoeira:

Eu comecei a Capoeira em 1998, e em 2008 comecei a dar aula. Iniciei em um grupo, mas dez anos depois conheci outras pessoas e decidir mudar de grupo e até hoje treino. Já participei de diversos eventos e encontros de Capoeira inclusive na Nova Zelândia e na Austrália, onde também ministrei aulas de Capoeira para crianças.

Fale um pouco sobre sua prática de Capoeira com crianças:

Comecei a dar aula em um colégio particular de Brasília em 2008 para crianças a partir de quatro anos de idade, como foi minha primeira experiência, foi muito difícil, mas serviu como uma boa base de aprendizado para minha prática futura. Eu já havia feito vários cursos sobre como dar aula de Capoeira para crianças, mas aprendi mesmo com a prática. Eu propunha para meus alunos sempre atividades lúdicas e dentro dessas atividades eu inseria os movimentos da Capoeira, na época isso era bem diferente do que eu escutava de algumas pessoas que eram mais velhas de Capoeira e que diziam que mesmo com crianças era preciso trabalhar os movimentos e os exercícios de maneira sistemática, mas eu não concordo com isso. Eu acho que a criança está na Capoeira para aprendê-la de forma prazerosa. Procuro realizar atividades que desenvolvam o senso de coletivo e a solidariedade nas crianças e trabalho com movimentos pré-determinados, mas sempre em sintonia com o som dos instrumentos, trabalhando assim o ritmo. Com isso, além da coordenação motora as crianças desenvolvem o ritmo e a atenção na aula de Capoeira.

Minha segunda experiência com Capoeira na Educação infantil foi há três anos e eu a julgo como mais prazerosa porque eu já tinha um pouco mais de experiência e foi um trabalho que deu certo que seguiu a mesma dinâmica do anterior: envolvendo a música, a cooperação, a brincadeira e as histórias do processo de brasilidade que passamos.

Você acha importante o ensino de Capoeira nas Escolas?

Eu sou a favor, mas penso que tem que se ter cuidado com quem vai ministrar essas aulas porque como não tem, e eu acho que não tem que ter na verdade, um conselho que regule a prática da Capoeira mas eu penso que tem que ter mais critério com quem vai estar no mercado

O que você espera da Capoeira?

Eu espero que a Capoeira seja cada dia mais reconhecida como importante elemento da cultura brasileira que deve ser valorizada e incentivada para contribuir cada vez mais com a educação no País.

3.4.3 Entrevista 3: Instrutor de Capoeira (2)

Fale um pouco sobre sua história na Capoeira:

Comecei a capoeira em 1996, na época com o Instrutor Peninha e o Formado Cardeal, perto da minha casa, no Guará II. Uma época que a Capoeira estava na moda em Brasília, tinha em todos os lugares. Como já tinha uns amigos fazendo resolvi pedir para o meu pai, para que ele deixasse eu praticar essa arte. Para minha surpresa, a resposta foi positiva e ainda com uma pequena história: - Meu filho, já fiz capoeira também, só que na minha época o nosso ababá era feito de sacos de arroz. Acho que isso já diz tudo sobre a minha empolgação para começar a treinar. Hoje, com um tempo que fiquei sem treinar, contabilizo hoje que tenho uns 13 a 14 anos de capoeira muito bem treinados. No início da capoeira era muito difícil a participação de eventos, rodas e viagens pela graduação e antigamente isso contava muito, hoje a capoeira está mais madura e sempre que posso tento participar de eventos.

Viagens pela capoeira - Paracatu, Rio de Janeiro, Fortaleza, Tocantins e Goiás.

Fale um pouco sobre sua prática de Capoeira com crianças:

Ministro aulas com crianças a uns seis anos. Recebo crianças a partir dos quatro anos de idade. Idade onde a criança começa a ouvir comandos de outras pessoas e se tem a facilidade de comando.

A Realidade hoje no país é de trabalho. Onde os pais saem de casa para trabalhar e voltam no final do dia para o descanso, e foi onde percebi que as crianças que ministro aulas, tem essa carência, o afeto do pai, a atenção da mãe e assim vai. Precisam de um pouco de atenção, já que os pais passam o dia trabalhando.

Você acha importante o ensino de Capoeira nas Escolas?

Eu me vejo com um transformador, me vejo como um espelho para as crianças. Então a primeira coisa que a criança tem que aprender é o respeito, com o professor (mais velho, mais graduado) e o respeito com os amigos. A partir daí vamos começar a mostrar a realidade da capoeira na vida dele, a importância dela na sociedade como uma cultura brasileira.

O que você espera da Capoeira?

Eu espero a capoeira como um disseminadora da cultura brasileira. E gostaria muito que isso no Brasil fosse fortalecido. Que olhasse a capoeira como uma forma de inclusão na nossa língua, nossa cultura em outros países. Coisa que já acontece, mas de uma forma desorganizada.

3.5 Refletindo Sobre as Entrevistas:

Foram entrevistados pessoas com diferentes “graus” de envolvimento com a Capoeira e de diferentes idades também. Pode ser observado a entrega e carinho que estas pessoas têm em relação à vivência desta Luta e a preocupação para que ela consiga ser mais valorizada futuramente. Quanto a prática pedagogia na Educação Infantil, é possível observar que os entrevistados têm ciência de que se trata de um trabalho diferenciado e que tem potencial para se trabalhar diferentes aspectos e não apenas o motor.

A preocupação para que as aulas e Capoeira sejam prazerosas e ganhem a atenção dos pequenos também é visível na maioria das entrevistas. A adaptação das aulas à nova realidade da família brasileira, em uma época em que mães e pais precisam trabalhar e as crianças precisam de atividades extra para não ficarem sozinhas foi algo que chamou atenção nas entrevistas e é um proposta bastante interessante, que une uma nova necessidade da sociedade a uma antiga, que é conhecer mais sobre nossa história a aprender a valorizá-la. Outro ponto interessante foi a preocupação com a qualificação adequada dos profissionais Educadores de Capoeira também chamou atenção e é um aspecto essencial para começar um novo projeto, principalmente na Educação Infantil. O fato de todos os entrevistados serem a favor do aprendizado da Capoeira nas escolas públicas e particulares, embora não ser surpreendente retrata um sentimento inerente a quase totalidade dos praticantes desta arte.

Alguns entrevistados demonstraram em suas falas uma preocupação maior em desenvolver aspectos motores, mesmo sabendo que para isso precisam de recursos e cuidados

diferenciados em se tratando de crianças não citaram em suas práticas usos de atividades que desenvolvessem aspectos diferentes dos motores, focando nos movimentos da Capoeira e não aproveitando os demais aspectos que ela oferece. Isto é bastante comum, e por este motivo é importante que existam políticas para informação dos educadores de Capoeira, um exemplo seriam cursos de formação com a participação de profissionais de várias áreas envolvidas com a Educação Infantil.

As entrevistas contribuíram para ter um retrato, mesmo em pequena escala, de como é o ensino de Capoeira hoje, na educação infantil do Distrito Federal. Na maioria das escolas a Capoeira é um componente extracurricular e em muitas vezes caminha paralelamente à Educação Física não sendo abordada em conjunto com as outras disciplinas, a não ou pouca participação dos pais nas aulas e encontros também é uma realidade presente. Apesar de não ser aproveitada em sua totalidade na maioria dos espaços em que está presente no Distrito Federal, a prática pedagógica da Capoeira tem avançado nos últimos anos no sentido de fazer parte de um currículo multicultural e interdisciplinar através de educadores que buscam se informar e se especializar buscando novas fontes de conhecimento e expandindo o alcance de seu trabalho com a Capoeira na educação de seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve o objetivo de relatar o impacto subjetivo do processo de aprendizagem da Capoeira na vida dos sujeitos sociais e no cotidiano da escola, e como esta prática pedagógica pode ser trabalhada de maneira multicultural e interdisciplinar. Pode ser concluído que é de muita importância para uma boa formação da identidade cultural das crianças e seu crescimento como cidadãos, incorporar no currículo, nos livros didáticos, no plano de aula, nos projetos pedagógicos das escolas os saberes produzidos pelas diversas áreas e ciências articulados com os saberes produzidos pelos movimentos sociais e pela comunidade.

Ao longo da história da Capoeira, inúmeras barreiras foram rompidas para que a mesma se transformasse de luta marginal a uma alternativa educacional, vivemos hoje um momento de ascensão desta arte no campo da Educação e é importante que se realizem e divulguem estudos nesta área para que possam servir de referencial para os educadores que se interessam em fazer um trabalho cada vez mais completo. Um exemplo do crescimento e reconhecimento da Capoeira foi o seu reconhecimento, em 15 de junho de 2008, como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil e a publicação da lei nº 4.823, de 27 de Abril 2012, que estabelece as diretrizes e os objetivos das políticas para a capoeira no Distrito Federal. Esta lei cita como objetivo específico das políticas voltadas para a Capoeira o apoio e fomento da difusão da produção intelectual, acadêmica, cultural e audiovisual sobre a capoeira; o incentivo da prática da capoeira como recurso cultural, lúdico, pedagógico e como atividade física na rede pública e particular, em todos os níveis de ensino; assim como a promoção da transmissão dos conhecimentos tradicionais ligados à prática da capoeira e contribuição para a inclusão social.

A primeira infância é um momento crucial na formação da identidade. As duas experiências relatadas provam que é possível valorizar a diversidade e ensinar a história e cultura brasileiras de maneira lúdica e prazerosa, de fácil entendimento para as crianças contribuindo assim para um crescimento mais crítico em relação aos valores impostos pela sociedade. A criança que vivencia a Capoeira de maneira agradável de maneira indireta está aprendendo que vive em uma sociedade onde se encontram e se misturam culturas vindas de várias partes do mundo e que precisam ser respeitadas e que ele, seus costumes, seu jeito de ser, as festas que tem contato as histórias que escuta e tudo mais que o rodeia são frutos do encontro destas culturas. Desta maneira, fica mais fácil entender e conviver com as diversidades, não havendo motivo para se sentir excluído, isto é, ter baixa autoestima.

Realizar o trabalho foi uma experiência muito valiosa tanto no âmbito acadêmico quanto no âmbito pessoal, que serviu para traçar os caminhos profissionais e dentro da prática da Capoeira da autora.

PERSPECTIVAS FUTURAS

No âmbito profissional, pretendo seguir carreira no serviço público, porém uma educação escolar multicultural de qualidade e acessível a todos também é um tópico importante e que despertou meu interesse ao fazer relação da minha prática da Capoeira com a construção da minha própria educação multicultural, por isso, pretendo também dar continuidade aos estudos sobre o tema.

Pretendo também começar um trabalho com crianças que tenha um contexto ampliado da Capoeira para aprimorar mais e mais a minha prática e ensino desta Arte.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALMEIDA, Raimundo César Alves De. **Capoeira: retalhos da roda** / Raimundo Cesar Alves de Almeida – Itapoan. – Salvador: Ginga Associação de Capoeira, 2005. 156 p: Il.

ANDRADE, LBP. *Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 193 p. ISBN 978-85-7983-085-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

BRASIL, **Constituição Federal de 1988.**

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação n. 9394/96.** Brasília: Senado Federal, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Indagações Sobre Currículo – Currículo, Conhecimento e Cultura.** Brasília: MEC. 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Indagações Sobre Currículo – Diversidade e Currículo.** Brasília: MEC. 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-raciais.** Brasília: SECAD, 2006.

BRASIL. Ministério de Educação. **Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil V.1.** Brasília: MEC/SEF, 2006.

BRASIL. Ministério de Educação. **Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil V.2.** Brasília: MEC/SEF, 2006.

BRASIL. Ministério de Educação. **Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil V.3.** Brasília: MEC/SEF, 2006.

CASTRO, Luís Vitor de Jr, ABIB, Pedro Rodolpho Jungers & SOBRINHO, José Santana. **Capoeira e os diversos aprendizados no espaço escolar**, Experimentando, Ano XI, nº14, Maio/2000.

DEPUTADO, Mestre. Menino, quem foi seu mestre?, 2004. 147p

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Educação: **Currículo Educação Básica – Educação Infantil**. Brasília, 2008.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Educação: **Diretrizes Pedagógicas**. Brasília, 2008.

FREITAS, Jorge Luiz de. Capoeira infantil: a arte de brincar com o próprio corpo – Curitiba, Editora Progressiva, 2007, 2ª edição.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. **A recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil (1995-2000): avanços, desafios e tensões***, Revista Brasileira de Educação, Set/Out/Nov/Dez 2001 N° 18, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação.

PANIAGUA, Gema. **Educação Infantil: resposta educativa à diversidade/ Gema Paniagua; Jesús Palacios**; tradução Fátima Murad. – Porto Alegre: Artmed, 2007.265p. ; p&b; 23 cm.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo/ Tomaz Tadeu da Silva**. – 2. Ed.,9ª reimp – Belo Horizonte: Autentica, 2005. 156p.

VIEIRA, Luiz Renato. **O JOGO DA CAPOEIRA**. Rio de Janeiro – SPRINT. 2ª edição – 1998.

VIERIRA, Sérgio Luiz de Souza. **Da Capoeira: Como Patrimônio Cultural. Capoeira - Origem e História**. PUC/SP – Tese de Doutorado, 2004.

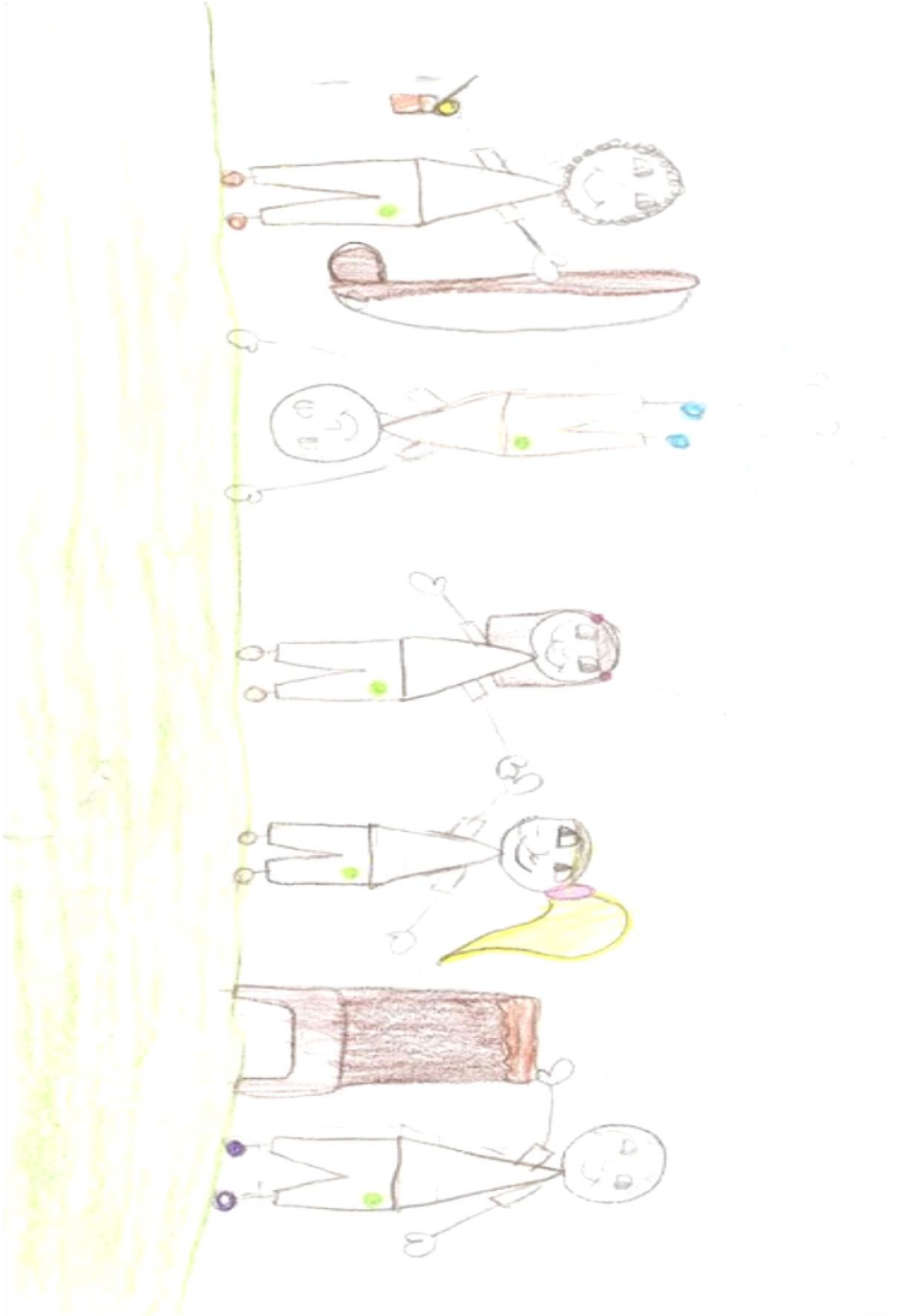
ANEXOS

FOTOS:



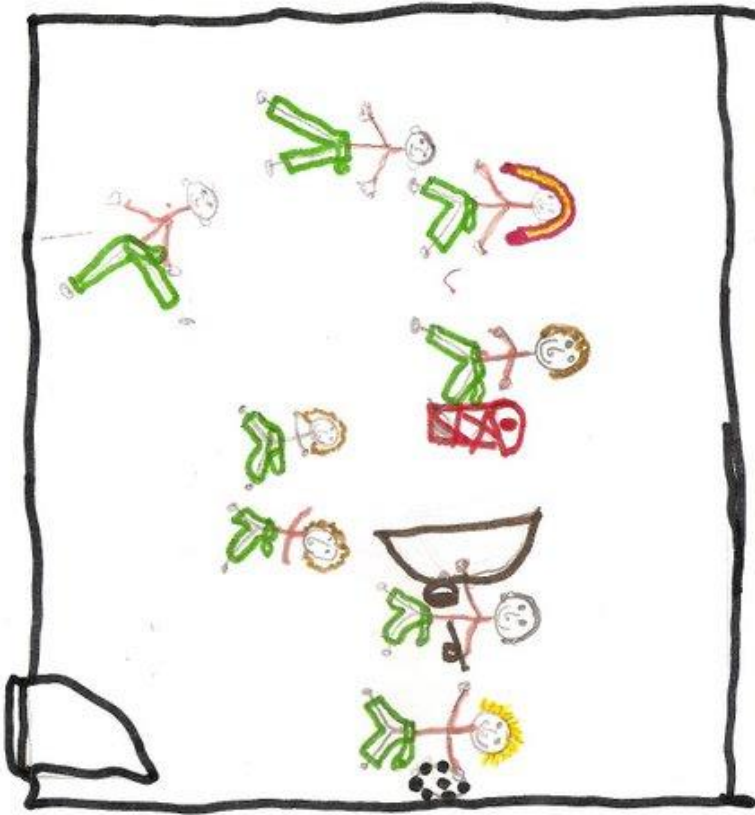


DESENHOS:





Capitana



Capitana



